



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V- ALCIDES CARNEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIA BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS- CCBSA  
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**ANDRESSA BELINO LIMA**

**O PAPEL POLÍTICO DO BUDISMO EM MYANMAR**

**JOÃO PESSOA  
2022**

ANDRESSA BELINO LIMA

**O PAPEL POLÍTICO DO BUDISMO EM MYANMAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

**Área de concentração:** Relações Internacionais, Religião e Política.

**Orientador:** Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre.

**JOÃO PESSOA**  
**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732p Lima, Andressa Belino.  
O papel político do budismo em Myanmar [manuscrito] /  
Andressa Belino Lima. - 2022.  
32 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre ,  
Coordenação do Curso de Arquivologia - CCBSA."

1. Budismo. 2. Myanmar. 3. Religião e Relações Internacionais. 4. Política. I. Título

21. ed. CDD 294.3

ANDRESSA BELINO LIMA

O PAPEL POLÍTICO DO BUDISMO EM MYANMAR

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Área de concentração: Relações Internacionais, Religião e Política.

Aprovada em: 19/07/22.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Fábio Rodrigo Ferreira Nobre (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Alexandre César Cunha Leite  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

## **AGRADECIMENTOS**

Expresso, em forma de registro escrito e anexo a este trabalho, de maneira genuína minha gratidão aos que trilharam de alguma forma minha trajetória ao longo da graduação. A cada pessoa citada e recordada, dedico este artigo.

Aos meus pais André Cunha Lima e Raquel Belino de Souza, pelo amor dedicado e por tamanho incentivo que me forneceram ao longo de toda a vida, sem vocês realmente não seria possível. E a toda minha família, agradeço pelo carinho e amor com que me abasteceram.

Ao meu querido orientador Fábio Nobre, primeiramente devo agradecer por aceitar me acompanhar e compartilhar comigo de sua sabedoria e entusiasmo pelo mundo da Religião e das Relações Internacionais, e também pela compreensão, paciência e encorajamento durante esse longo período. Sua forma de ensinar é uma das muitas razões pelas quais carrego profunda admiração e gratidão por você.

Aos docentes notáveis que tive ao longo da graduação em Relações Internacionais, agradeço e desfruto de uma coleção de ensinamentos extraordinários, mas acima de tudo levo comigo a humanidade com a qual fui tratada em momentos difíceis.

Aos caros Alexandre Leite e Marcos Alan, agradeço por aceitarem participar da banca de avaliação deste trabalho, foi uma felicidade receber suas palavras carinhosas e suas ricas contribuições das quais eu aproveito.

A minha estimada amiga Vilma Leite, minhas graças por sua generosidade em me apresentar esse rico país e meu objeto de pesquisa Myanmar, e por ter dado os primeiros passos para que eu pudesse caminhar.

As minhas amigadas, que despretensiosamente se fizeram família e aconchego em todos os momentos - para estudar, aconselhar, dar boas risadas, oferecer o ombro para me acolher em momentos difíceis, e braços abertos para comemorar as minhas conquistas - vocês assim como eu, conhecem bem a importância que esse laço teve ao longo desses anos longe de casa e dos nossos. Sem citar nomes, sei que sentirão lendo essas palavras o carinho, e dedico à vocês, gratidão profunda que carregarei por toda a vida.

Deixo registrada gratidão a minha amada por ter sido sossego para que eu pudesse repousar minha ansiedade, dores e lamúrias. Por ter sido uma festa para celebrar cada pequeno passo conquistado. E por me mostrar que é nas pequenas coisas que moram as maravilhas. Obrigada por construir tudo isso comigo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Mapa 1** - Grupos Étnicos do Myanmar. p. 24
- Gráfico 1** - Número total de pessoas pobres por estado/região devido ao efeito composto (Covid-19 e ocupação militar em 2021). p. 34
- Gráfico 2** - O efeito combinado (Covid-19 e ocupação militar) na incidência da pobreza em Myanmar (porcentagem), por estado/região. p. 35

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|      |   |
|------|---|
| ARSA | <i>Arakan Rohingya</i>                            |
| ICG  | <i>International Crisis Group</i>                 |
| BIA  | Exército de Independência da Birmânia             |
| MLCS | <i>Myanmar Living Conditions Survey</i>           |
| NLD  | Liga Nacional para a Democracia                   |
| NUG  | Governo de Unidade Nacional                       |
| PNUD | Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento |
| SPDC | Conselho de Estado para a Paz e Desenvolvimento   |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>1. Considerações Iniciais.</b>                                     | 9  |
| <b>2. Processo Histórico</b>  | 11 |
| <b>2.1. Período Colonial (1852 -1948)</b>                             | 12 |
| <b>2.2. Ocupação colonial e independência birmanesa (1823 - 1948)</b> | 17 |
| <b>2.3. Primeiro Governo militar (1948 - 2011)</b>                    | 18 |
| <b>2.4. Reformas governamentais/ Democratização</b>                   | 21 |
| <b>3. Origem e Itinerário do budismo em Myanmar</b>                   | 22 |
| <b>4. Nacionalismo, identidade nacional birmanesa e religião.</b>     | 27 |
| <b>4.1 Secularização</b>  | 28 |
| <b>4.2 Percepção de ameaças</b>                                       | 29 |
| <b>5. Golpe Militar 2021 (Crises gêmeas)</b>                          | 31 |
| <b>6. Considerações Finais</b>  | 35 |
| <b>REFERÊNCIAS</b>  | 38 |



## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explorar como a religião budista teve sua origem e itinerário no Myanmar. O budismo, em razão dos acontecimentos históricos, se entrelaçou ao Estado birmanês de tal forma que tornou símbolos, templos e atributos religiosos em características culturais dos birmaneses. A religião exerce influência sobre o povo birmanês, e, por sua vez, o Estado se utiliza de discursos e símbolos da religião para legitimar suas ações através do sentimento e do discurso nacionalista. O apontamento da temática “Religião e Relações Internacionais”, em um estudo de caso, tem a ver com a necessidade de uma resposta a numerosos acontecimentos sob os quais a religião tem influência direta ou indiretamente. O fenômeno da crença, como veremos, se impõe como uma força social e evidencia seu potencial para se engendrar no âmbito da Política Doméstica e Internacional e causar mudanças devido às suas ideias e instituições servirem de motivação aos indivíduos que acreditam. A partir dessa pesquisa mais abrangente, somada à exploração de elementos históricos e conceitos chave, esse artigo demonstra a atuação política que o budismo tem desempenhado em Myanmar.

**Palavras-chave:** Budismo; Myanmar; Religião e Relações Internacionais; Política.

## ABSTRACT

This paper aims to explore how the Buddhist religion had its origin and itinerary in Myanmar. Buddhism, due to historical events, has become intertwined with the Burmese state in such a way that it has transformed religious symbols, temples, and attributes into cultural characteristics of the Burmese. Religion exerts influence on the Burmese people, and in turn the state uses discourses and symbols of religion to legitimize its actions through nationalistic sentiments and discourses. The pointing of the topic "Religion and International Relations" in a case study is related to the need for a response to numerous events under which religion has a direct or indirect influence. The phenomenon of belief, as we shall see, imposes itself as a social force and highlights its potential to engender in the realm of Domestic and International Politics and cause change due to its ideas and institutions that serve as motivation to individuals who believe. From this broader research, added to the exploration of historical elements and key concepts, this article demonstrates the political performance Buddhism has been able to perform in Myanmar.

**Keywords:** Buddhism; Myanmar; Religion and International Relations; Politics.

## 1. Considerações Iniciais.

O debate sobre o campo religioso nas pesquisas de Relações Internacionais teve sua ascensão ao longo da primeira década do século XXI. O surgimento desse tema tem a ver com a necessidade de uma resposta a numerosos acontecimentos sob os quais a religião tem influência direta ou indiretamente. A título de exemplo, os conflitos religiosos em alguns países, a persistência da tensão étnica e outros eventos que serviram como marcos significativos entre essas ocorrências (FERREIRA, 2015).

É frente a este contexto que alguns estudiosos começaram a analisar o fenômeno da religião e seu potencial para influenciar no âmbito da Política Doméstica e Internacional. Há discordâncias de opiniões e percepções em torno deste tema. Há teóricos que irão refletir que a religião é fonte de conflito no cenário internacional, e que a crença/espiritualidade religiosa desempenha um papel importante na pressão pelo reconhecimento de seus interesses. Adiciona-se a essa equação o fato de que o estudo das relações internacionais foi fundamentado parcialmente com base na crença de que as religiões eram causadoras de guerra (FOX & SANDLER, 2004, *apud* FERREIRA, 2015). Nesse entretempo, ainda existem questões a serem exploradas neste sentido.

Por essa razão, esse estudo buscou fundamentar e trazer compreensão sintética acerca da perspectiva em torno do estudo exploratório da influência da religião na política interna do Estado do Myanmar. Este trabalho se empenhou em fazer isso por meio de materiais bibliográficos sobre a disciplina de Relações Internacionais, o tema Relações Internacionais e Religião, sobre os assuntos inerentes e correlatos com as proposições que serão abordadas ao longo dos capítulos.

O artigo “O Papel Político do Budismo em Myanmar”, tem recorte histórico entre 1823 à 2022 para abarcar de maneira abrangente a relevância dos acontecimentos históricos e políticos a fim de dar uma boa fundamentação à argumentação do trabalho. Inicialmente, apresentou a origem desta religião e sua trajetória de um ponto de vista histórico, esse aspecto introduziu o debate em torno de como estão divididos os grupos étnicos, de como o budismo se amarrou e se desenvolveu junto à política estatal e como têm funcionado estruturalmente. Em

seguida, será observado de maneira ampla o processo histórico complexo do país para que se possa ter concepções para uma ampliação da análise do caso e da realidade em que estão inseridos. Logo depois, passaremos pela concepção de nacionalismo e religião dando aprofundamento com definições teóricas de estudiosos e análises sobre o tema no campo internacional para compreender sobre algumas das principais caracterizações relacionadas à identidade étnica do Estado e analisar como estes permitem o uso da identidade étnica para o empoderamento da atuação dessa crença. Complementando, será feita uma breve análise de como está a situação sociopolítica e econômica da nação levando em conta o golpe militar de 2021 e o que será chamado de crises gêmeas que entenderemos ao longo do tópico. Por último, será apresentado nas considerações finais a estrutura e conclusões das discussões feitas ao longo dos capítulos, e como o tema continua em aberto para que sejam feitas discussões em torno da temática, bem como usufruir desta para refletir acontecimentos de Religião e RI em outros ambientes e conjunturas.

Previamente, ao longo deste texto veremos que a Birmânia<sup>1</sup>, também conhecida como Myanmar, está localizada no Sudeste Asiático e desenvolveu-se em décadas de conflitos violentos centrados em questões de identidade étnica desde sua independência da Grã-Bretanha em 1948. Para Foxeus (2013), é importante observar também que as experiências de identidade étnica em Myanmar surgiram, - segundo numerosas fontes em depoimentos - e, algumas destas indicam histórias pré-coloniais de longa data.

No Estado birmanês, como veremos ao longo do texto, a religião não se desenvolveu desde sua origem até ter características locais. Por outro lado, o povo se desenvolveu através da religião até que a crença na Escola Theravada<sup>2</sup> se enraizou em sua cultura e o budismo se tornou como uma segunda natureza. Em alguns trechos passaremos para analisar até que ponto isso se reflete nas questões políticas e nas questões da agenda nacional e como retórica e práticas da

---

<sup>1</sup> Birmânia é o nome adotado após a independência em 1948, nome este batizado anteriormente pelos colonizadores britânicos. Porém, de acordo com Farias (2018), em 1989 o governo modificou o nome do país de Birmânia para Myanmar, derivado da língua oficial "Myanma naing ngam". Algumas etnias não aceitaram essa mudança. Neste artigo foi usada a denominação oficial Myanmar, por acreditar que localizar o estudo tornar-se-á mais acessível dessa forma.

<sup>2</sup> Em consonância com Beckert (2008), o budismo Theravada, que é a religião majoritária em Myanmar, mantém a crença de que a vida terrena é apenas uma das muitas etapas no caminho para o nirvana e enfatiza que os caminhos religiosos dos indivíduos para a redenção devem incluir a renúncia aos bens materiais. Consequentemente, é uma escola budista conservadora que não é muito adepta às mudanças do mundo.

Escola Theravada do Budismo são utilizadas para fins políticos e nacionalistas.

A concentração na classificação étnica e nas narrativas de identidade étnica também contribuíram para instituições e estruturas que institucionalizaram a discriminação contra algumas etnias enquanto concedem vantagens e direitos a outras, resultando em uma paisagem que é o problema de pesquisa desse estudo: O desenvolvimento do status político do Budismo no nacionalismo em Myanmar.

Este estudo de caso qualitativo e de natureza exploratória, por meio de pesquisa em fontes como relatórios de ONGs, artigos científicos e documentos oficiais buscou analisar o fenômeno que ocorre em Myanmar, onde a religião budista desempenha papel tão essencial para a política quanto os militares e os políticos civis do país. Em certa medida, o budismo neste caso transita nas relações de poder - há de se refletir que em um ambiente controlado por um ator hegemônico, a religião por si só não poderia produzir mudanças substanciais, pois faltaria força coercitiva para manter sua influência. No entanto, a estratégia racional de se utilizar do contexto histórico e das questões sociopolíticas em que o vínculo criado com o povo birmanês associou sua identidade nacional à religião e acredita que esta é a motivação pela qual deve lutar, que a religião passa a ser um ator.

Por consequência, o objetivo deste trabalho foi analisar a evolução do papel político do budismo em Myanmar como será pontuado ao longo do texto, bem como caracterizar a identidade nacionalista birmanesa, e por último descrever como o Budismo participou do endurecimento político recente no país.

Observa-se nesta pesquisa como a religião, neste caso particular, tornou símbolos, templos e atributos religiosos em características culturais dos birmaneses. Moldaram a narrativa sobre o nacionalismo, desenvolveram-na e refinaram ao longo dos tempos, bem como durante o período colonial britânico. Entende-se que durante o período colonial e após a independência, a ideologia etnonacionalista evoluiu entre as populações bamar e não birmanesas e incorporou experiências de autoridade militar e resistência armada étnica. A prática teve um grande impacto neste processo. A religião exerce influência sobre o povo birmanês, assim como o Estado se utiliza de discursos e símbolos da religião para legitimar suas ações. Além disso, se dissertou por uma exibição do papel importante que os militares têm exercido.

## **2. Processo histórico**

A conjuntura política em Myanmar é resultado de uma soma complexa de fatores sociais e políticos que devem ser explorados para que se compreenda plenamente o alcance do problema. Apesar de o Myanmar ter uma longa e rica história anterior à colonização britânica, as questões conflituosas do século XXI são, de certa forma, fruto do domínio colonial; como resultado, torna-se importante trazer para o presente estudo uma revisão histórica desse período - que serve como ponto de partida (BIVER, 2014).

Este processo histórico é a base de nossa análise e os parágrafos a seguir fornecerão alguns fatos históricos sobre a história de Myanmar para nos ajudar a entender melhor as preocupações apontadas neste artigo.

Conforme relatado por Biver (2014) antes do domínio colonial, o rei birmanês assumiu o papel de principal protetor do país, e o budismo foi reintroduzido como símbolo de estabilidade e harmonia. Quando os britânicos invadiram o país e estabeleceram o domínio imperial, depuseram o rei, que inevitavelmente negligenciou seu “dever institucional” de apoio e proteção à monarquia. Para Walton (2013), desde então, muitos budistas birmaneses afirmam que se seguiu uma deterioração nas regras e tradições monásticas, levando a um declínio na moralidade budista no país. Como resultado, com o aumento dos grupos monásticos e o aumento dos leigos organizados politicamente em nome do Estado e da religião, democratizou-se a busca pela proteção e difusão da fé.

## **2.1. Período Colonial (1852 - 1948)**

Durante o período colonial, com a conquista britânica houve um choque político e moral para a sociedade birmanesa. Neste período, o Estado retirou o seu apoio aos mosteiros e desarranjou as economias dos povoados. No relatório do ICG, verifica-se que as comunidades monásticas foram taxativamente afetadas pelo período de instabilidade e incerteza durante a conquista do Myanmar inferior em 1852 e da Myanmar superior em 1885, conseqüentemente houve a queda da monarquia em Mandalay, o que pôs fim a uma linhagem de reinado budista que remonta mais de mil anos (ICG, p. 11).

Houve uma virada com a ocupação britânica, que refletiu na desassociação do Estado e da religião, o que foi para muitos budistas birmaneses como mais um sinal de que os ensinamentos de Buda estavam em declínio. A consequência dessa administração, foi de estímulo a muitos leigos em seu modo de agir, que,

particularmente, se esforçaram para reforçar os valores religiosos e culturais compartilhados de boas maneiras e conduta adequada socialmente.

Ficou evidente a forma como os europeus insultavam ativamente o budismo, com atitudes como por exemplo o uso de sapatos em pagodas, que rapidamente se tornou uma questão sensível, foi expressa uma ansiedade muito maior sobre a perda de educação religiosa e cultural e disciplina na sociedade budista birmanesa: alguns rapazes abandonaram os estudos nos mosteiros para frequentarem escolas governamentais na esperança de uma carreira lucrativa como escriturários. Os monges já não tinham o mesmo respeito (ICG, 2017, p. 4, tradução nossa).

Os cargos no governo foram ocupados por hindus e muçulmanos trazidos da Índia, ao invés de burocratas locais. Assim como empresários deste território também vieram a ocupar alguns setores, como o da economia; tomaram posse de vastas extensões de terra - incluindo cerca de 25% das terras agrícolas no baixo Myanmar - quando os agricultores não puderam pagar as suas dívidas durante a Grande Depressão. Esses fatores contribuíram para as disparidades econômicas, de poder e mudanças demográficas, e provocaram tensões entre birmaneses e indianos, que chegaram a atingir o seu auge em 1930 e novamente em 1938 (ICG, 2017).

Em 1938, segundo o relatório do Asia Report de número 290 (ICG, 2017), os conflitos iniciaram com uma reunião massiva de birmaneses desprivilegiados e à beira da pobreza no Pagode Shwedagon, no centro de Rangoon (atual Yangon). Monges budistas radicais deram início a um comício em uma multidão - que já estava enfurecida - e, posteriormente, lideraram a multidão por toda a cidade, abusando, estuprando e assassinando qualquer muçulmano que pudessem encontrar. Eles incendiaram casas, empresas e mesquitas muçulmanas.

Esta violência de 1938 teve peso particularmente sobre a dimensão religiosa. Dentre os fomentos a publicação de um livro por um autor indiano muçulmano, reimpresso com um anexo contendo referências consideradas altamente depreciativas ao budismo. Ainda de acordo com o relatório do ICG (2017), não é comprovado que os provocadores religiosos ou políticos estiveram envolvidos neste incidente, mas fato é que o mesmo aumentou ainda mais as tensões comunitárias e religiosas. Ativistas, incluindo Monges, exigiram que o autor fosse punido; caso contrário, eles ameaçaram tratar os muçulmanos como "inimigo número um" e tomar medidas para "provocar o extermínio dos muçulmanos e a extinção de sua religião e língua" (SMITH, 1965, *apud* ICG, 2017, p. 4).

Algum tempo depois, o jornal britânico *The Sun* publicou uma carta escrita por um monge que relatava sobre o sofrimento das mulheres birmanesas budistas casadas com muçulmanos, que notaram, ao abrigo do direito consuetudinário, que os seus filhos perderam não só a sua religião, mas também a sua identidade étnica. Surgiram diversos rumores de que os muçulmanos se prepararam para destruir pagodas como as de Sule e Shwedagon, o que legitimou um ataque de mais de 1000 monges à muçulmanos, além de saquearem e queimarem as suas lojas nos mercados. Há relatos de que mosteiros se tornaram santuários armados (YI, 1988, *apud* ICG, 2017, p. 4).

Os movimentos anticoloniais concentraram-se na educação religiosa e cívica como sua real causa política. A ideia de necessidade de escolas Budistas dominicais, que é atualmente um dos principais focos da *MaBaTha*, - A organização nacionalista mais relevante atualmente é a vulgarmente referida conhecida *MaBaTha* (Associação para a Proteção da Raça e Religião) composta por monges, freiras e leigos - foi pensada a partir deste período como uma movimentação importante para conter a perda da cultura budista como a crescente antipatia religiosa entre os jovens. A Associação de Jovens Budistas Masculinos tornou-se também um dos principais centros de atuação em busca de preservar a cultura budista birmanesa sob o domínio britânico. Até os dias atuais, as escolas seculares ensinam "educação cívica" baseada fortemente em preceitos e valores budistas. Há algum tempo quando sugerido por uma ONG local a publicação de uma série de manuais de educação cívica que promoviam a educação religiosa e incluíam os princípios básicos de quatro grandes fés (incluindo o budismo), provocou-se um tumulto em nome do nacionalismo com alegações de que se tratava de uma tentativa de "islamização" e de "colonialismo religioso disfarçado de educação" e ainda exigiu que as crianças só deveriam ser ensinadas sobre o budismo.

Em consonância com Foxeus (2013), a independência alcançada em 1948 foi, em muitos aspectos, um divisor de águas na história de Myanmar. Nesse ponto, surgiram vários movimentos budistas que não eram apenas parte do "renascimento budista" em Myanmar, no qual até o governo estava envolvido (BROHM, 1957), mas parte de um fascínio geral renovado na Ásia. Após a Segunda Guerra Mundial, muitos Estados-nação asiáticos que eram recém-independentes implementaram projetos de construção e modernização do Estado. A teoria da modernização adotada pelos governantes acreditava que a nova ordem racionalizada e laica que os colocava no caminho do "progresso" significava o declínio da religião.

Em vez disso, no entanto, houve um ressurgimento geral da religião, e vários movimentos religiosos novos e ecléticos surgiram no Sudeste Asiático (KEYES et al, 1994). Esse fenômeno é explicado por Keyes (*et al*, 1994) como vinculado a uma "modernização da autoridade " desencadeada pelas tensões entre esses movimentos e os projetos de modernização e construção da nação.

Em 2011 com o início da democratização, houve uma onda de exacerbação do sentimento nacionalista budista extremista acompanhado do discurso de ódio antimuçulmano, não só no estado de Rakhine, mas em todo o país.

O governo tem concentrado esforços consideráveis para controlar este grupo extremista e há pressão das autoridades para que as ações deste grupo sejam proibidas. No entanto, estes esforços têm sido amplamente ineficazes, e provavelmente até os têm reforçado. O governo e seus aliados internacionais devem encontrar uma solução eficaz para enfrentar os desafios impostos pelo nacionalismo radical e reduzir os danos que a violência tem causado.

Ainda de acordo com o relatório *Asia Report N°290*, produzido pelo ICG (2017), a natureza do grupo e sua popularidade são amplamente mal compreendidas, inclusive pelos governos. Longe de ser uma organização estritamente focada em objetivos políticos ou antimuçulmanos, ela se vê – e é vista por muitos de seus apoiadores – como um movimento social e religioso de base ampla, trabalhando principalmente para proteger e promover o budismo. Tempos incomparáveis de mudança e incerteza.

Historicamente, o budismo e o Estado têm como adeptas mulheres freiras e leigas, então apesar da organização *MaBaTha* ter o apoio destas mulheres, não se discute sobre seus objetivos misóginos - tais como leis que restringem o direito das mulheres de se casarem com quem desejarem. Na verdade, essas diretrizes criam um sentimento de pertença dentro do contexto de rápidas mudanças sociais e se legitima apontando para as poucas oportunidades de emprego ou outras possibilidades para a juventude.

Em vista das questões sociais que afligem o país, somada às tensões e a violência que está ligada ao discurso do ódio e as provocações nacionalistas, constrói-se um risco extremamente elevado de violência comunitária. Monges e leigos que abraçam as ideias e práticas extremistas da associação patriótica incitam ou se calam frente a violência em nome de proteger a sua raça e a sua religião, a maior ameaça - para além da organização - é a dinâmica criada por ela, que pode e está fugindo de controle.



Embora o governo devesse continuar a tomar medidas fortes contra o discurso de ódio e incitação à violência, é improvável que o confronto e a ação legal sejam eficazes para lidar com a manifestação mais difundida do nacionalismo budista e de grupos como o *MaBaTha*. Dada a ampla relevância das narrativas da associação combinada com a popularidade dos serviços comunitários prestados, esses indivíduos podem sem prudência trabalhar a seu favor (TURNER, 2014).

A disputa sobre o papel adequado para o budismo e a função da liderança política em sua proteção estava sendo reformulada no período de tentativa de democratização de Myanmar.

Nesta nova era mais democrática de Myanmar, segundo o *Asia Report N°290*, do ICG (2017) o debate sobre o lugar apropriado do budismo e o papel da liderança política em protegê-lo está se reinventando. Essa discussão, que dificilmente terminará tão cedo, não pode ser vista apenas de uma perspectiva política e nacionalista, separada de questões morais e espirituais. O governo tem a possibilidade de se encarregar da narrativa, redefinir o lugar do budismo em um ambiente mais democrático em seus termos e demonstrar sua visão positiva.

Em concordância com Turner (2014), paralelamente é necessário abordar as alegações subjacentes que levam as pessoas a apoiarem narrativas nativistas excludentes, que são de natureza econômica. Um foco econômico mais forte daria a população uma garantia de que o governo está priorizando melhores oportunidades e empregos, bem como um futuro melhor para o público em geral. Quanto mais as pessoas sentem que têm um papel a desempenhar e quanto mais canais têm para fazer fora da rede nacionalista, mais controle sentem sobre seu próprio destino. Especialistas em desenvolvimento internacional também poderiam reconhecer os diversos papéis sociais desempenhados por mosteiros e conventos, incluindo aqueles alinhados ou semelhantes ao *MaBaTha*, e encontrar maneiras de influenciar positivamente suas atividades e promover alternativas credíveis para redes nacionalistas problemáticas (TURNER, 2014).

Desde o início da transição política em 2011, a ascensão do nacionalismo budista e da violência antimuçulmana em Myanmar, levantou preocupações em nível nacional e internacional. Apesar dos esforços do governo para minar a autoridade religiosa, a maior organização nacionalista budista goza de amplo apoio público. Mesmo dentro do *MaBaTha*, as incursões na política partidária causam divisões, mas sua crença de que o budismo está ameaçado é amplamente compartilhada entre os

budistas de Myanmar. Muitos membros e simpatizantes acreditam que o foco principal da organização é a proteção e promoção do budismo, bem como a prestação de serviços sociais, complicando os esforços do governo para proibir ou sufocar o *MaBaTha*. Sobre o relatório escrito pelo ICG:

O relatório explica por que os membros se juntaram à associação patriótica e o que eles fizeram lá. Independentemente de se basearem ou não em fatos consistentes, são profundamente sentidas e, como resultado, cruciais para a compreensão e formulação de respostas políticas eficazes. Devido à natureza fluida da organização e às mudanças contínuas em resposta às recentes pressões governamentais e religiosas, o relatório não fornece um relato definitivo de membros, estrutura ou atividades. Além disso, não leva em conta os ataques de agosto de 2017 em Rakhine por um grupo militante conhecido como *al-Yaqin* ou Exército de Salvação *Arakan Rohingya* (ARSA) e a resposta militar, que ainda estava em andamento no momento da publicação.

## **2.2. Ocupação colonial e independência birmanesa (1823 - 1948)**

Muito do que acontece no Myanmar em 2022 pode ser rastreado até o domínio colonial britânico. O domínio colonial teve início com o confronto Britânico-Birmanes em meados da década de 1820, embora o domínio oficial não tenha começado até 1885, tornando mais fácil para os britânicos assumirem. Como as empresas coloniais eram mais motivadas pelo controle imperial do que pelo crescimento nacional, elas o faziam de uma forma que não se conformava com as regras do desenvolvimento nacional sustentável.

Durante seu tempo na Índia, os britânicos optaram por abolir a monarquia e separar o governo da religião, privando a monarquia (a Sangha) de seu status costumeiro e benefícios oficiais. Muitos recorreram à guerrilha para combater a ocupação imperial liderada por ex-oficiais, príncipes reais, ex-oficiais reais e outros, mas a maioria deles foi punida e executada por sua oposição (AUNG-THWIN, 2014, apud BIVER, 2014. p. 14).

Além disso, os britânicos praticaram diferentes modelos de governo em todo o país, com domínio direto no centro de Myanmar e domínio indireto nos países vizinhos, resultando em uma governança fragmentada (HOLLIDAY, 2010), com consequências desastrosas para a nação. O autor descreveu a sociedade colonial birmanesa como “uma mistura de pessoas misturadas, mas incompatíveis”, pois os quatro principais

grupos étnicos - europeus, chineses, hindus e indígenas - estavam ligados apenas pela economia, e não por laços sociais ou culturais (HOLLIDAY, 2010).

O Myanmar estava profundamente dividido quando conquistou a independência em 1948, com sérias divisões não apenas entre os quatro grupos mencionados, mas também entre as facções étnicas desses grupos. A descolonização foi apressada, ofuscada pelas liberdades indígenas e com pouca consideração pelas relações raciais. Como resultado, tensões étnicas e distúrbios eclodiram no país logo após a revolta comunista em abril de 1948 (HOLLIDAY, 2010).

As tensões entre a maioria budista e a minoria muçulmana começaram a surgir durante esse período. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Exército de Independência da Birmânia (BIA), principalmente birmanês, lutou ao lado dos japoneses contra os britânicos, enquanto outras minorias étnicas - como os *rohingyas* - lutaram junto aos britânicos. Isso acabou resultando em batalhas violentas entre majorias e minorias birmanesas, particularmente em *Arakan* (agora Rakhine), e foi nesse cenário que a revolta armada muçulmana da região começou. Este último exigiu o estabelecimento de um estado muçulmano independente dentro do Myanmar, na parte norte do estado de Arakan, que foi recebido com violência e repressão (HUMAN RIGHTS WATCH, 2013).

### **2.3. Primeiro Governo militar (1948 - 2011)**

De acordo com Steinberg (2021), houve um papel único dos militares no Myanmar, já que o exército birmanês foi e continua sendo a elite militar de governo mais longo da Ásia moderna, e, possivelmente do mundo contemporâneo. Desde 1948, os militares têm exercido uma atuação notória, quando chegou ao poder e governou por mais de meio século. O autor defende que o poder dessa organização vem não apenas de seu controle completo sobre a coerção governamental, mas também de seu prestígio e herança iniciais, e seu posterior controle vicioso de todos os aspectos. Em última análise, a formação de partidos políticos pelos militares é incomum na Ásia, mas tornou-se um padrão.

Em 1947, seu presidente Aung San convocou a Cúpula de Panglong para trazer todos os grupos étnicos para a União do Myanmar. Ele negociou a independência da Grã-Bretanha em 1948, e seu assassinato pouco antes desse evento deu a ele, sua família e as forças associadas a ele uma reverência mágica (STEINBERG, 2021).

Em reação à violência mencionada no tópico anterior, oficiais militares e civis não tiveram outra opção a não ser ressuscitar e redistribuir o aparato de segurança colonial

para estabilizar o país durante este momento crítico da reforma do Estado pós-colonial. Apesar dos esforços para estabelecer um governo democrático, o exército birmanês tornou-se a instituição mais importante da nação (HOLLIDAY, 2010). As tensões étnicas ainda eram inúmeras em 1962. O exército do general Ne Win tomou o poder através de um golpe que acabou com a democracia birmanesa e exacerbou problemas pré-existentes, aproveitando a instabilidade do país.

Para promover o controle sobre o país, uma nova constituição emitida em 1974 estabeleceu uma estrutura de sete divisões birmanesas e sete estados étnicos. Mais tarde, em 1982, um estatuto de cidadania nacional designou 135 grupos étnicos que foram divididos em oito raças nacionais primárias (a maioria birmanesa e sete minorias). A cidadania é dividida em três grupos sob esta lei: cidadãos, cidadãos associados e cidadãos naturalizados. Os primeiros são descendentes de residentes que viveram no país antes de 1823 (início do colonialismo britânico) ou nasceram de pais cidadãos e pertenciam a uma das oito "raças nacionais" (HUMAN RIGHTS WATCH, 2008, *apud* BIVER, 2014, p. 16.). Indivíduos que não puderam oferecer documentação de qualquer assentamento antes de 1823 puderam ser elegíveis para cidadania na segunda categoria, que representa pessoas que obtiveram a cidadania pela Lei de Cidadania da União de 1948. Indivíduos que viveram no Myanmar antes de 1948 e solicitaram a cidadania depois de 1982, quando foram exigidas evidências claras sobre suas gerações anteriores residindo no país antes da independência em 1948, se enquadram no terceiro grupo.

Como resultado, minorias muçulmanas como os *rohingya*, que são considerados imigrantes de Bangladesh, cuja língua não é reconhecida como língua nacional oficial, têm a cidadania negada sob esta regra. Além disso, sem cidadania, essa minoria não tem direitos de propriedade, são restritos em suas viagens, têm acesso limitado à educação e não podem se casar ou ter filhos sem o consentimento do governo (LONG, 2013). Esta é uma base crucial para a narrativa anti-Rohingya em todo o país, não apenas entre os monges nacionalistas, mas também entre o governo e o público em geral.

Diversos conflitos entre budistas e muçulmanos ocorreram no estado de Rakhine durante o regime militar, com o governo realizando campanhas contra este povo e decretando leis e políticas que resultaram em sua perseguição e segregação (Human Rights Watch, 2008). "Examinar cada indivíduo que vive no Estado, designando residentes e estrangeiros de acordo com a lei e tomando medidas contra estrangeiros

que se infiltraram no país ilegalmente" (HUMAN RIGHTS WATCH, 2013), como destacado por uma das operações nacionais, *Naga Min – Dragon King*

Esse programa no estado de Rakhine se transformou em uma campanha destinada a expulsar os muçulmanos *rohingyas* usando prisões em massa, execuções, invasões e outros meios. Como resultado, cerca de 200.000 *rohingyas* fugiram para Bangladesh, onde a ajuda humanitária foi recusada e a ajuda alimentar foi voluntariamente retida para obrigar os refugiados de volta à Myanmar. Como resultado, o presidente birmanês Ne Win consentiu em um programa de repatriação em 1979, forçando os *rohingyas* a retornar ao norte de Rakhine, que de alguma forma se tornou um ponto de acesso religioso e étnico. Em Pyi Thaya (nação limpa e adorável), a segunda operação militar foi iniciada em 1991 com os mesmos objetivos – expulsar as minorias – e teve implicações humanitárias semelhantes.

As revoltas de 8 de agosto de 1988, 26 anos após o golpe, foram uma série de manifestações maciças pró-democracia provocadas pela insatisfação com a má gestão econômica e pela tirania política. Como resultado, o governo instituiu arranjos eleitorais no ano de 1989 e promoveu mudanças no sistema eleitoral. O nome oficial em inglês do país foi alterado de "*Union Socialist Republic of Burma*" para "*Union Republic of Myanmar*" em junho. A NLD - partido de Aung San Suu Kyi - ganhou 80% dos votos em sua primeira eleição em quase 30 anos, mas a junta militar, apesar das exigências do povo, recusou-se a ceder o poder e manteve seu controle sobre o país, tomando o rumo contrário a demanda popular (CLINE, 2009).

De acordo com Booth (2007), os militares ampliaram drasticamente sua presença no norte do estado de Rakhine no início dos anos 1990, forçando os muçulmanos a trabalhar, roubando terras e propriedades e deportando à força os *rohingyas* para Bangladesh mais uma vez. Além disso, o autor relata que foram realizadas perseguições mais simbólicas, como a proibição de todas as atividades religiosas muçulmanas ou a demolição de mesquitas, que foram ocasionalmente substituídas por templos budistas. Milhares de monges budistas organizaram comícios antigovernamentais em 2007, conhecidos como a Revolução do Açafração, que acabou terminando em uma repressão do governo pelo Conselho de Estado para a Paz e Desenvolvimento (SPDC, sigla em inglês). Após os protestos, o governo anunciou um referendo constitucional e eleições para o ano de 2010.

Para Steinberg (2021), os três golpes anteriores do Tatmadaw e o quarto em 1º de fevereiro de 2021 e suas disposições constitucionais obrigatórias demonstraram a

amplitude de seus poderes e propósitos. Apesar de sua impopularidade, seus efeitos ainda podem ser sentidos hoje. Em fevereiro de 2021, seu desejo por um papel político é articulado e reforçado em demandas institucionais e constitucionais, e os militares voltam a ser mobilizados nas ruas. Compreender a história, posições e objetivos de Myanmar é crucial para entender a dinâmica do país anteriormente, atualmente, - em 2022 - bem como o seu futuro.

#### **2.4. Reformas governamentais/ Democratização**

Houveram diversos fatores e um longo período para que se instituísse a ruína do regime militar, conforme relatado por Clapp (2007) a decadência avançou quando o governo militar de Myanmar em 15 de agosto de 2007 anunciou que acabaria com todos os subsídios governamentais para combustíveis e gás natural importados que fornecem transporte e geração de energia do país. Os preços do diesel dobraram quase instantaneamente, enquanto os preços do gás natural subiram 500%, levando a uma onda de inflação em outros produtos básicos. À medida que o transporte se tornou tão caro, muitas pessoas que não conseguiam ir ao trabalho começaram a dormir nas ruas da cidade. Ativistas políticos que lideravam pequenos protestos, incitando o governo a dialogar com a população sobre uma decisão econômica unilateral tão drástica. Ativistas do grupo *Student '88* e da NLD, em poucos dias, marchas semelhantes já se espalharam para várias outras cidades do país. Monges budistas na cidade ocidental de Sittwe começaram a se juntar às marchas, o SAS atacou brutalmente um grupo de 600 monges que marchavam na cidade de Pakkoku, no centro do país.

Em conformidade com Macdonald (2013) após a introdução de uma nova constituição em 2008, eleições parlamentares em 2010 e a abertura do parlamento em janeiro de 2011, o status político de Myanmar evoluiu de uma junta militar para uma república presidencial multipartidária eleita. De fato, após as primeiras eleições no sistema político multipartidário do Estado desde 1990, o *Tatmadaw* (Forças Armadas do Myanmar) entregou o controle legal a um chamado governo civil, marcando o sistema político após mais de 20 anos de governo direto (MACDONALD, 2013). No entanto, a manipulação eleitoral e outras disposições constitucionais elegeram um governo em grande parte composto por ex-comandantes militares com laços estreitos com as forças

armadas da Malásia, transformando assim o regime dominante de uma forma militar para uma autocracia eleitoral e garantindo a predomínio da velha ordem.

Para Guilloux (2010), mais especificamente, o *Tatmadaw* existe fora do controle do governo e tem uma representação significativa no parlamento na forma do Partido de Solidariedade e Desenvolvimento da União (USDP), que é composto em grande parte por ex-militares e membros da junta. Segundo Macdonald (2013), o regime no poder mudou, mas o partido no poder não, o que ainda beneficiou a elite militar e seus aliados. A transição para um governo civilizado deu início a uma série de reformas políticas, sociais e econômicas que precisavam enfrentar uma série de desafios colocados pela sociedade civil e pela comunidade internacional (PEDERSEN, 2013).

Barany (2017) relata que um ano e meio depois de assumir o cargo, o governo de Myanmar de Aung San Suu Kyi e seu partido tiveram um histórico ruim. Claro, sua margem de manobra foi limitada pela constituição de 2008 promulgada pela antiga junta militar. No entanto, a principal fonte de decepção foi estar sob o controle da Liga Nacional para a Democracia. O governo de Aung San Suu Kyi pareceu ter estratégia ou política clara para lidar com os múltiplos problemas do país. O erro mais grave que ela cometeu foi gastar muito tempo e capital político em uma questão extremamente complexa e incontrolável - o processo de paz nacional. Ainda mais decepcionante para os defensores dos direitos humanos é que ela e seu governo não conseguiram falar em seu nome, muito menos impedir a institucionalização da perseguição à comunidade *rohingya*.

Aung San Suu Kyi e seu governo da NLD herdaram uma situação política e econômica perigosa em março de 2016, sobrecarregada com o legado de meio século de ditadura militar violenta e inepta. Segundo Barany (2017), as expectativas de que o novo governo mudasse drasticamente a vida de milhões de pessoas pobres e desse passos significativos na guerra racial de 70 anos. No entanto, essa expectativa ignorava as severas restrições à capacidade de Aung San Suu Kyi de se mover, como a instituição política mais poderosa do país, os militares. Para o autor, a flexibilidade do governo NLD foi severamente limitada por restrições estruturais. Portanto, o fracasso da NLD em emendar a constituição, controlar o papel político entrincheirado dos militares ou estabelecer a paz nacional não pode ser inteiramente atribuído à liderança do partido (BARANY, 2017).

### 3. Origem e Itinerário do budismo em Myanmar

Há quatro grupos étnicos dominantes que constam em registros históricos de Myanmar, são eles: o Mon, o Pyu, o Myanmar, e o Shan.

O povo de Myanmar começou a colonizar as planícies de Myanmar apenas em meados do primeiro milênio. Vinham das regiões montanhosas do Norte e podem muito bem ter tido origem nas planícies da Ásia Central. Depois do Myanmar, os Shan vieram do Norte e finalmente conquistaram toda a região de Myanmar e a Tailândia. O povo tailandês é descendente de Tribos Shan. A região nordeste de Myanmar moderna ainda é habitada predominantemente por tribos Shan (BISCHOFF, 1998, p.12, tradução nossa).

Dessa maneira, no século VI a.C., boa parte do que hoje se conhece como Myanmar, era pouco povoado. Em consonância com o texto de Bischoff (1998), enquanto os migrantes da costa oriental da Índia tinham organizando-se em colônias comerciais pela extensão da costa do Golfo de Martaban, tais zonas costeiras de Myanmar e da Tailândia eram também o lar dos *Mon*.

Nessa altura, conforme relatado por Bischoff (1998) se acreditava que o Alto Myanmar era ocupado, em certa medida, por Tribos de Myanmar. Como não há informações de que estes primeiros colonos utilizavam de materiais duradouros para construção, o conhecimento quanto à essa civilização continua a ser escasso. O que se sabe é que seu modo de vida era muito simples - como permanece nos dias atuais nas zonas rurais, provavelmente necessitando apenas de cabanas de madeira com telhados de palmeiras para habitação como fora detalhado pelo autor.

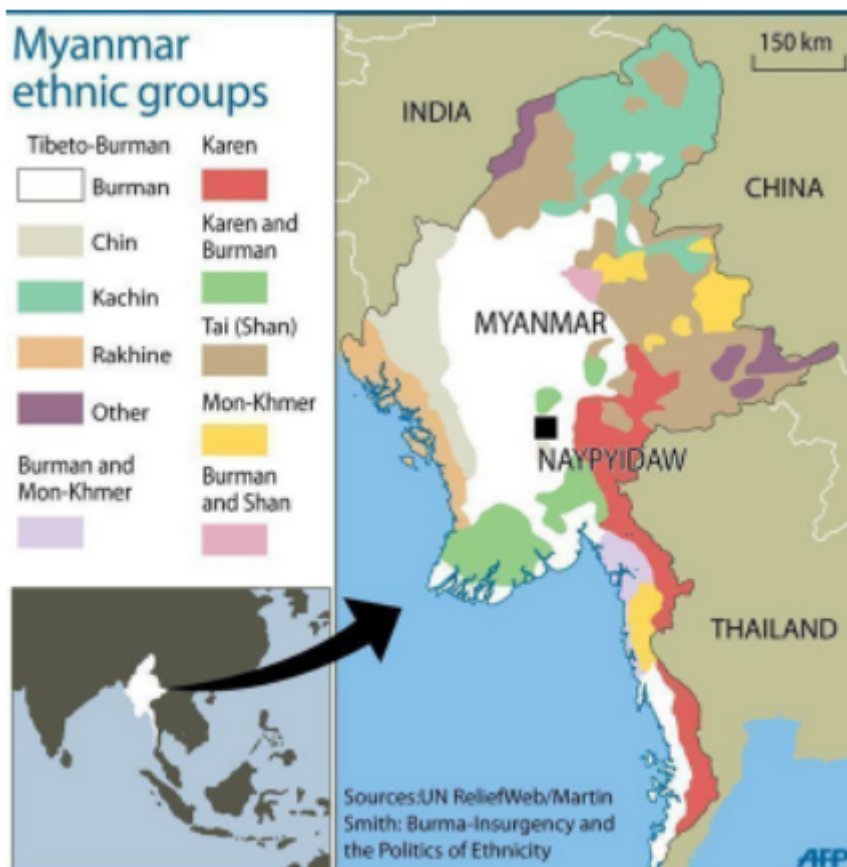
Myanmar é um dos principais praticantes da vertente Budismo Theravada, e, desde os anos 90, o país cumpriu um importante papel quanto a propagação do budismo no mundo, “[...] para mostrar como o budismo influenciou o desenvolvimento do povo de Myanmar até os ensinamentos budistas Theravada tornarem-se a sua segunda natureza” (BISCHOFF, 1998, p. 8).

Quanto aos primeiros contatos com os ensinamentos budistas, de um lado a historiografia moderna associa a incorporação da religião aos antecessores hindus dos povos Arakaneses e os Myanmarenses, como uma herança, há muitos exemplos semelhantes na história do Sudeste Asiático em que um povo conquistador incorpora em suas próprias tradições a civilização do conquistados, seus valores e também os seus deuses, assim como a linhagem real, e conseqüentemente a sua história. Para Bischoff (1998), por outro lado, há quem



conte que a história com exemplos sobre as visitas do Buda para Thaton e Shwese-taw no Mon, e apoia neste tipo de história a tradição oral de Myanmar, e a crença Arakanense de que o Buda visitou o seu rei e deixou atrás uma imagem de si mesmo para adorarem (BISCHOFF, 1998, p. 17).

**Mapa 1 - Grupos Étnicos do Myanmar.**



Fonte: [Mapamundi.org](http://Mapamundi.org). 2019.

Ainda segundo Bischoff (1998), discute-se que a historiografia moderna irá, naturalmente, dispensar estas histórias como fábulas feitas de orgulho nacional, uma vez que o Myanmar nem sequer tinha chegado à região no tempo do Buda. Quanto às passagens citadas anteriormente, fala-se de quatro visitas do Buda à região. Tornam-se importantes por terem estabelecido lugares de peregrinação até aos dias de hoje.

Em algumas partes do país, já está em vigor uma “outra” organização nomeada Fundação Buddha Dhamma Parahita<sup>3</sup> que substitui o *MaBaTha*, apesar de, outros ramos regionais terem decidido manter o nome e o emblema original da associação. É certo que esta e seus sucessores continuarão a ter um apoio público significativo. A decisão do Conselho de Sangha<sup>4</sup> está longe de ser um golpe fatal ao nacionalismo budista. A autoridade do Conselho Sangha é contestada, e seus pontos de vista e decisões dificilmente determinarão o futuro do grupo ou de seu substituto. Ao contrário dos poderes conferidos ao Conselho Sangha por lei, a autoridade religiosa deve ser conquistada e continuamente reafirmada pelo fortalecimento das atividades da religião e de seus seguidores. A este respeito, muitos acreditam que a organização e seus monges principais têm mais legitimidade do que a Sangha (MARSHALL, 2013).

A intervenção internacional no tema do nacionalismo budista - como o atual leque de projetos apoiados por doadores para combater o discurso antissemita ou promover a harmonia e o pluralismo inter-religiosos - corre o risco de ser ineficaz ou, pior, contraproducente se motivações complexas que impulsionam o apoio ao nacionalismo não forem levadas em consideração (MARSHALL, 2013). O papel dos mosteiros, incluindo aqueles que estão alinhados ou simpatizantes com o *MaBaTha*, deve ser considerado pelas organizações que atuam no acesso à justiça, resolução de conflitos, educação cívica e áreas afins. Por exemplo, as advogadas desempenham um papel particularmente importante na identificação de casos de abuso e na prestação de assistência pastoral e jurídica *pro bono* às mulheres e crianças mais vulneráveis, e muitas optam por fazê-lo sob a bandeira da associação (SCHISLER; WALTON; THI, 2017, *apud* ICG, 2013).

Fornecer estruturas alternativas para que esses mosteiros funcionem é importante, mas entender a estrutura liberal das questões de direitos humanos e das mulheres no Ocidente - que também é usada por muitos grupos locais de políticas de direitos das mulheres - não é um problema na visão tradicional da moral budista mundo, visto que,

---

<sup>3</sup> A Fundação Buddha Dhamma Parahita seria o novo nome de MaBaTha em resposta à proibição do Conselho Sangha. O Conselho Sangha, de acordo com a liderança do MaBaTha, apenas se opôs ao uso do nome " MaBaTha", e não à própria organização.

<sup>4</sup> O Conselho Sangha de Myanmar é o órgão governante da ordem budista, e é a autoridade máxima para todos os assuntos eclesiais dentro da Sangha - do páli ou sânscrito pode ser traduzida aproximadamente como associação de ordem religiosa.

Não se trata de questionar a universalidade destes direitos ou de sugerir qualquer relativismo na sua aplicação; trata-se antes de recorrer às pessoas com os conhecimentos relevantes para encontrar as formas mais eficazes de comunicar estes direitos e desenvolver atividades para os promover (ICG, 2017, p. 27, tradução nossa).

Por fim, o vicioso nacionalismo budista tornou-se um grande problema social em Myanmar e ameaça a coexistência pacífica deste país multirreligioso e multiétnico. De acordo com o relatório do *International Crisis Group* (ICG) e uma entrevista realizada pelo grupo, o ataque de agosto de 2017 por al-Yaqin ou ARSA<sup>5</sup> no norte do estado de Rakhine, embora em grande parte motivado por queixas locais, inevitavelmente se tornará parte da narrativa nacionalista budista, promovendo a dinâmica social e política da religião e da etnia (GRAVERS, 2015, p. 1-27, *apud* ICG, 2017, p. 3).

Compreender e abordar como essas dinâmicas alimentam o medo, a retórica nacionalista e o comportamento militante nas diversas comunidades de Myanmar tornou-se mais urgente. A vitória esmagadora da Liga Nacional para a Democracia (NLD, sigla em inglês) nas eleições de 2015 deixou *MaBaTha* para trás. Mas também levou a afirmações prematuras de que é um poder usado, com alguns interpretando a decisão do Conselho da Sangha de proibir o uso de seu nome e emblema como uma sentença de morte. No entanto, a recusa de muitos capítulos da *MaBaTha* em aderir à proibição, e uma subida de em agitação política e provocação violenta, têm demonstrado a resiliência e popularidade contínua desta organização e das suas crenças (ICG, 2017).

A autoridade religiosa do *Mabatha* em muitos quadrantes é maior do que a do Conselho da Sangha e do governo, e provou ser hábil em transformar em seu proveito as restrições impostas por eles. Os esforços para combater a *MaBaTha* e as suas narrativas divisórias deveriam começar a partir do reconhecimento das suas fontes de apoio. Está envolvida em muito mais do que nacionalismo político, tendo um papel proeminente na educação religiosa e cívica, prestação de serviços e resolução de disputas. Os seus membros não estão principalmente interessados em acumular poder político, mas sim em ver a influência política como necessária para a promoção da sua agenda moral (MARSHALL, 2013).

---

<sup>5</sup> Em 25 de agosto de 2017, militantes muçulmanos de Myanmar realizaram um ataque coordenado a 30 postos policiais e uma base do Exército no Estado de Rakhine, e ao menos 59 insurgentes e 12 membros das forças de segurança morreram, segundo o Exército e o governo.

Em consonância com Marshall (2013), para contrariar a sua influência é necessário proporcionar outras vias para as comunidades e jovens a participar nestas áreas com um sentido de propósito e de pertença. Há falhas em compreender a extensão dos serviços que presta e o apoio que pode reunir para conduzir a respostas políticas ineficazes e, em última análise, são contraproducentes.

#### **4. Nacionalismo, identidade nacional birmanesa e religião.**

Com base na definição de Friedland (2001, p. 137), o nacionalismo é "uma espécie de representação do Estado (...) que estabelece a identidade e a legitimidade de um Estado entre as pessoas que vivem dentro de suas fronteiras".

A identidade territorial de uma nação e a identidade cultural do povo que ela afirma representar coletivamente se constituem como um único fato institucional, combinando assim países, territórios e culturas. Sendo assim, o nacionalismo é definido como o elemento que constrói uma nação em torno das suas conexões, estão ligados por uma história compartilhada, sangue, cultura e religião. O que cria a comunidade são as crenças e a identidade compartilhada de seus membros.

De acordo com Mentzel (2020), o atual entendimento geral da relação entre religião e nacionalismo está intimamente relacionado ao chamado "argumento da secularização". Em outras palavras, a religião deu lugar ao secularismo. Compreender a identidade nacional do público de forma fundamental. O autor explica que esta narrativa deve a sua origem em grande parte aos dois fundadores da sociologia moderna, Emile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920). Durkheim, no seu estudo de 1912 *The Elementary Forms of Religious Life*, que utiliza do argumento que o processo de secularização é evidente, mas argumenta que a existência secular moderna se mostra intolerável sem um sistema de crenças que lhe dê significado e propósito. Como reforça Menzel e Peter (2020, p. 4), "nas sociedades modernas e seculares, o vazio deixado pela religião é preenchido pelo nacionalismo. De acordo com este raciocínio, neste sentido, o nacionalismo é um tipo de religião, ou talvez seja por si só uma religião."

Os próximos parágrafos buscam analisar as raízes complexas da experiência histórica e as maneiras pelas quais a identidade étnica tem se emaranhado ao nacionalismo birmanês e é utilizada para uma série de propósitos políticos. Ademais, não há pretensão de ser interpretado como uma crítica à identidade étnico-racial. O

objetivo de pesquisa é apontar sobre algumas das principais caracterizações relacionadas à identidade étnica do Estado e analisar como esses pontos permitem o uso da identidade étnica no empoderamento de certas pessoas, excluindo e justificando a discriminação contra outras.

Para Clarke, Myint e Siwa (2019), há uma série de questões profundas subjacentes à identificação étnica em Myanmar, ao ponto que “[...] muitos autores notaram que, por exemplo, o budismo desempenha um papel central na cultura Bamar, conforme refletido na frase ‘Ser birmanês é ser budista’ [...]” (CLARKE; MYINT; SIWA, 2019, p. 8). Além disso esses autores, através de documentos oficiais e pesquisa de campo se depararam com uma narrativa centralizada na homogeneidade da comunidade e na natureza fixa da identidade, com o credo de que as comunidades devem ser imobilizadas e ligadas às pátrias étnicas, e que percebe em outras etnias uma ameaça detectada por sua “identidade estranha”.

Outra questão é que existe uma racionalização de que quanto maior o grupo, se torna mais digno de direitos, esse item expressa uma visão ampla de que o tamanho de uma comunidade em contraste ao tamanho de outra deve determinar a ordenação de direitos, proteções e benefícios (do mesmo modo quanto a discriminação). Também fornece base para entender as origens da legitimidade política do país birmanês. No texto, discute-se outro item, é sobre identidades nacionais com padrões fixos, considerados imutáveis e transmitidos de geração em geração. Enquanto a pesquisa antropológica moderna considera a raça como uma construção social, a etnia em Myanmar é muitas vezes referida como "de sangue". Como resultado, muitas pessoas idealizam a raça como uma qualidade estável e única determinada pela paternidade. (CLARKE; MYINT; SIWA, 2019, p. 34). Quando certos valores estão ameaçados, o budismo se sente ameaçado.

#### **4.1 Secularização**

A *secularização*, termo conhecido vulgarmente pelo ocidente como “tornar secular”, é uma definição que existe em versões pluralizadas, e se aplica em contextos diversos. Como citado por Soares (2020), por secularização compreende-se um processo pelo qual instituições/esferas sociais seculares e religiosas diferenciam e/ou transformam a hierarquia teológica em laicidade dependendo do contexto que ela assume. Para o autor é importante ressaltar que no livro *The Age of the Secular*, de

Charles Taylor, um de seus pontos principais é que, embora a discussão da secularização aponte para o declínio da prática religiosa, não se pode entender a sociedade contemporânea como um ambiente secular.<sup>6</sup>

A secularização, portanto, não envolve a ausência de religião, nem o fim da condição religiosa da humanidade, mas o desenvolvimento de novos impulsos espirituais. Para Taylor (2007, *apud* SOARES, 2020, p. 50), o processo de secularização está associado a mudanças no imaginário social das sociedades ocidentais. A caracterização "imaginário social" a que ele se refere é a forma como os indivíduos compreendem sua própria existência e realidade, no sentido de que constroem expectativas, crenças, valores, relações sociais, e outras particularidades. Isto é, a secularização, na sociedade contemporânea, constrói um imaginário social constituído pela certeza do pluralismo religioso e pela possibilidade de interpretação dos fenômenos religiosos.

Para Mouffe (1999, p. 144, *apud* SOARES, 2020. p. 51), há uma relação estratégica entre as instituições contemporâneas e a hierarquia teológica, essa secularização proporciona a internalização das categorias teológicas dentro das instituições, tornando os ensinamentos religiosos algo inerente a eles. A secularização moderna é evidente porque Estados soberanos, leis e outras instituições configuram um modelo teológico de formas seculares. Por exemplo, a teologia cristã envolve modernidade ocidental; o orientalismo, assim como o budismo, o hinduísmo e o xintoísmo, encontram - se neste mesmo patamar, embora de forma mais arraigada devido à característica antiga do cenário.

Em contraste com os ideais ocidentais de secularização, as características religiosas em certas culturas desempenham importante papel nas empresas nacionalistas. Segundo Biver (2014), este é o caso de Myanmar, que no ano de 2014 estava em processo de transição para a democracia após mais de cinco décadas de regime autoritário e militar. Este nacionalismo religioso subiu a níveis mais altos pelo chauvinismo e violência entre a maioria budista e a minoria muçulmana, especialmente contra a minoria *rohingya* no estado de Rakhine.

---

<sup>6</sup> Secular: Para Soares (2020), foi no século XVII, que o conceito de secular, originalmente entendido como tempo secular, em oposição ao tempo religioso, passou a ser considerado de forma independente e não mais como referência a perguntas sobre o tempo sagrado, então foi criada "uma concepção de vida social na qual o "secular" era tudo que havia" (2020, *apud* TAYLOR, 2012, p.159).

## 4.2 Percepção de ameaças

Em congruência com Biver (2014), cada religião tem um elemento político considerável, e muitas instituições políticas estão impregnadas de uma determinada crença, até certo ponto. Pouca atenção tem sido dada à conexão do budismo com questões de Estado e o impacto do nacionalismo budista na transição do governo, participação étnica e globalização, já que o budismo é visto no Ocidente como “de outro mundo” (HARRIS, 2007, *apud* BIVER, 2014. p. 36).

Até a data em que esse texto foi escrito, o budismo desempenhou um papel importante nos processos históricos, culturais e políticos de Myanmar. A importância e a influência da religião no movimento nacionalista birmanês, bem como seu uso para fins políticos e o respeito que conquista ao fazê-lo, são previamente explorados ao longo deste texto. Conjuntamente, é necessário explorar como se desenvolveram e se dispõem nessa dinâmica, as reivindicações, objetivos e comportamentos reais dos três principais atores nacionalistas religiosos de Myanmar - monges, leigos e o governo - e como as ameaças podem ser percebidas.

Segundo Long (2013), a primeira ameaça perceptível é que um número crescente de budistas birmaneses tem defendido e até contribuído para o preconceito contra o grupo minoritário com base em alegações de que os *rohingyas* são descendentes de imigrantes de Bangladesh, e na Lei de Cidadania Birmanesa de 1982, que proíbe seu reconhecimento. Essa estrutura nacionalista consiste principalmente de monges, do Estado e, em menor grau, de leigos. Juntos, eles influenciaram o clima político e religioso de Myanmar e ajudaram a criar uma dinâmica única e preponderante de nacionalismo carregado de religião (LONG, 2013, p. 79-94).

De acordo com depoimentos e relatos de entrevistas reunidos por Arai (2015), os budistas de Bamar também explicam sua preocupação pelo fato de que muitos *rohingya* parecem não conseguir se adaptar aos costumes e tradições birmanesas e, em vez disso insistem em demonstrar sua cultura aos nativos. É possível observar nesses relatos outro tipo de ameaças, de que demais etnias devem se ambientar, e que as que se opuserem a se amoldar ao modo de vida dos nacionalistas, não são bem vindas e devem ser perseguidas e repugnadas.

Este tópico do estudo visa avaliar parcialmente a dinâmica dessas interações, e identificar as consequências do papel político do budismo em Myanmar. Uma segmentação de monges nacionalistas/racistas liderados por Ashin Wirathu levou a

marginalização *rohingya* - e até certo ponto o ódio - a outro nível, expressando abertamente a aversão ao grupo étnico e espalhando o sentimento de medo à minoria muçulmana - e o Islã em geral - pela sociedade.

O movimento 969, uma iniciativa liderada por budistas que visa promover a união entre eles em Myanmar e marginalizar os muçulmanos, é uma das medidas práticas usadas pelos monges nacionalistas. Liderada por *Ashin*, a iniciativa visa destacar a necessidade de apoio coletivo do Bamar para patrocinar empresas de propriedade da etnia enquanto há boicote a empresas de propriedade muçulmana. O logotipo 969 apresenta um símbolo budista. O principal argumento de *Wirathu* para não fazer negócios com muçulmanos é que quando se compra algo de um produtor ou comerciante muçulmano, "o dinheiro não para por aí...eventualmente será usado contra [budistas] para destruir sua raça e religião", que mais uma vez frisa a preocupação crucial de ser invadido pelo Islã (BOOKBINDER, 2013). Como o movimento uniu os budistas, imediatamente criou outra punição, deixou de lado outras minorias religiosas enquanto promovia um nacionalismo "disfarçado". Para Arai (2013), esta unidade religiosa anda de mãos dadas com a unidade patriótica inerente ao nacionalismo.

Apoiado à justificativa de Kinnvall (2004), o caso de Myanmar serve como um exemplo muito claro de como o nacionalismo e a religião podem trabalhar juntos para ser uma resposta poderosa a essas incertezas e ansiedades do povo birmanes. É necessário abrir espaço para uma interpretação mais profunda dos eventos atuais e ter em mente que tais mudanças sejam elas políticas, econômicas ou sociais, podem realmente afetar a forma como certos grupos de pessoas interagem entre si, dificultando a percepção da realidade e a formação de identidades.

Thompson (2013), baseia seu argumento em como condenar e culpar a maioria dos budistas do país seria banal, e alguns deles sendo acusados pela violência cometida contra os muçulmanos do país. Em realidade, 30% da população de Myanmar é considerada pobre, com muitos mais à beira. Se considerarmos os muitos anos de regime militar e isolamento do mundo exterior, somado aos números de desemprego, e o medo de muitos budistas de que esse número possa aumentar ainda mais para seu povo. Mesmo que a promoção do ódio, difamação e massacre proporcionadas não sejam justificáveis, é mais fácil compreender quão desafiadoras são as condições no desenvolvimento do Estado e quão facilmente os budistas leigos podem ser influenciados pelo nacionalismo e propaganda chauvinista graças a esses aspectos (THOMPSON, 2013).



## 5. Golpe Militar 2021 (Crises gêmeas)

Apresento neste parágrafo um breve resumo sobre o papel dos militares em Myanmar, como já relatado ao longo do texto. Em consonância com Curtis (2022) e com o que foi evidenciado ao longo deste texto, a partir de 1962, os militares apoderaram-se do controle pela primeira vez por meio de um golpe de Estado.

Para entendermos ligeiramente a relevância da religião para este período, é importante apontar que no período de setembro de 2007, que ocorreu em Myanmar uma série de protestos organizados pela Aliança de Todos os Monges do Estado, que atraiu 300.000 pessoas às ruas do país para protestar contra a ditadura militar que governava o país há 40 anos. De acordo com Tiago (2008) essas foram as maiores aglomerações de manifestantes nos oito anos de protestos em andamento. Apesar de as marchas terem começado com o objetivo de obrigar o governo a pedir desculpas por suas ações contra alguns monges, elas evoluíram para um apelo à liberdade política do país. No entanto, é também importante enfatizar que “[...] não se exigia autonomia nem independência política, mas flexibilização do regime imposto pela junta militar, e futura troca do mesmo” (BECKERT, 2008, p. 31). Esta foi a primeira vez em 40 anos que o movimento budista de Myanmar rompeu suas próprias fronteiras e causou repercussões em todo o mundo.

Uma nova constituição redigida pelos militares em 2008 iniciou a transição para a democracia e as eleições parlamentares nacionais foram de fato realizadas em 2015. De acordo com o autor, a partir deste período os militares mantêm sua influência dominando uma parte significativa da economia e tem amplos poderes sob a constituição de 2008.

Quanto ao golpe militar em 2021, o Tatmadaw assumiu o controle em fevereiro do mesmo ano, e três meses após o partido NLD de Aung San Suu Kyi vencer as eleições legislativas por uma vitória esmagadora, interrompendo a democratização. Para explicar o golpe, as alegações dos militares de fraude eleitoral generalizada foram refutadas por observadores internacionais. A líder de fato do país, Aung San Suu Kyi, e outros membros seniores do NLD foram presos, e a internet e as mídias sociais foram desligadas.

De acordo com Curtis (2022), os protestos contra o golpe militar começaram dias após o golpe e se transformaram em manifestações em massa como parte de um

movimento de paz de desobediência civil que incluiu greves e bloqueios de estradas. O Governo de Unidade Nacional (NUG, sigla em inglês) foi formado em abril de 2021 por parlamentares depostos do NLD, líderes de protesto e ativistas de muitos grupos minoritários (NUGs). Segundo um porta-voz da época, o objetivo do NUG era eliminar a violência, restaurar a democracia e formar uma "Aliança Democrática Federal". Eles afirmam ainda que o NUG planeja criar um exército federal e está conversando com as minorias. Em um relatório divulgado em julho de 2021, citado pelo autor, o Comitê Seletivo de Relações Exteriores recomendou que o governo do Reino Unido apoiasse o NUG e o reconhecesse como um "governo em espera".

Quanto à oposição armada, as manifestações anti-Tatmadaw alguns meses depois evoluíram para uma resistência armada organizada. Após protestos em grande escala, que foram amplamente recebidos com retaliação das forças de segurança, os cidadãos, principalmente os jovens adultos, começaram a se armar e se juntar às milícias.

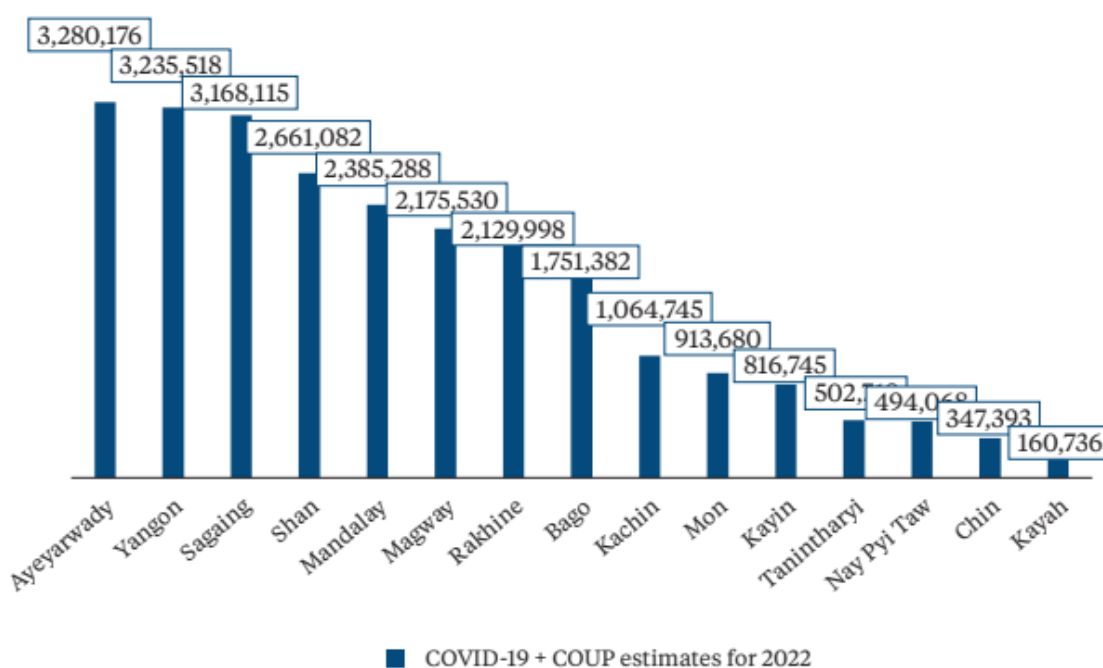
Para Steinberg (2021) as partes positivas e negativas da combinação diversificada de causas que permitiram que os militares permanecessem no poder são as mais cruciais. Controlar todas as forças coercitivas dentro do estado tem sido fundamental, assim como a unidade do estado e o controle inigualável sobre todas as áreas de mobilidade e mudança social (até depois de 2010). Independentemente do quanto os regimes estrangeiros desprezam o Tatmadaw, nenhum poder ou elemento externo foi capaz de exercer pressão significativa (supondo que isso fosse possível, o que é extremamente improvável).

Além disso, é interessante atentarmos ao fator econômico do Estado, a recuperação econômica de Myanmar da crise induzida pela COVID-19 atingiu mais um obstáculo no início de 2021. Os militares de Myanmar deram um golpe em 1º de fevereiro, interrompendo a transição democrática do país. As crises gêmeas (COVID-19 e o golpe militar) continuam a ter impacto em todo o país em 2022, com o Banco Mundial estimando uma desaceleração econômica anual de até 18% (PNUD, 2021).

O golpe militar ocorre em um momento em que Myanmar começa a mostrar sinais de recuperação pós-pandemia, agravando a crise. O artigo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 2021, concluiu que as crises duplas, sem dúvida, reduziram a renda e exacerbaram os níveis crescentes de pobreza durante a pandemia de COVID-19, como exposto no "gráfico 1". Além disso, defende que os efeitos da dupla crise se estenderão além do bem-estar imediato das famílias,

com impactos negativos grandes e de longo prazo no capital humano da próxima geração. Para o PNUD (2021), a pobreza urbana pode quase que triplicar, em grande parte devido ao impacto negativo das crises duplas em pequenas empresas não agrícolas. O artigo ainda pontua que esse aumento dos níveis de pobreza poderá ter efeitos a níveis de impedir o acesso a serviços críticos para o desenvolvimento do capital humano - por exemplo, nutrição, saúde e educação.

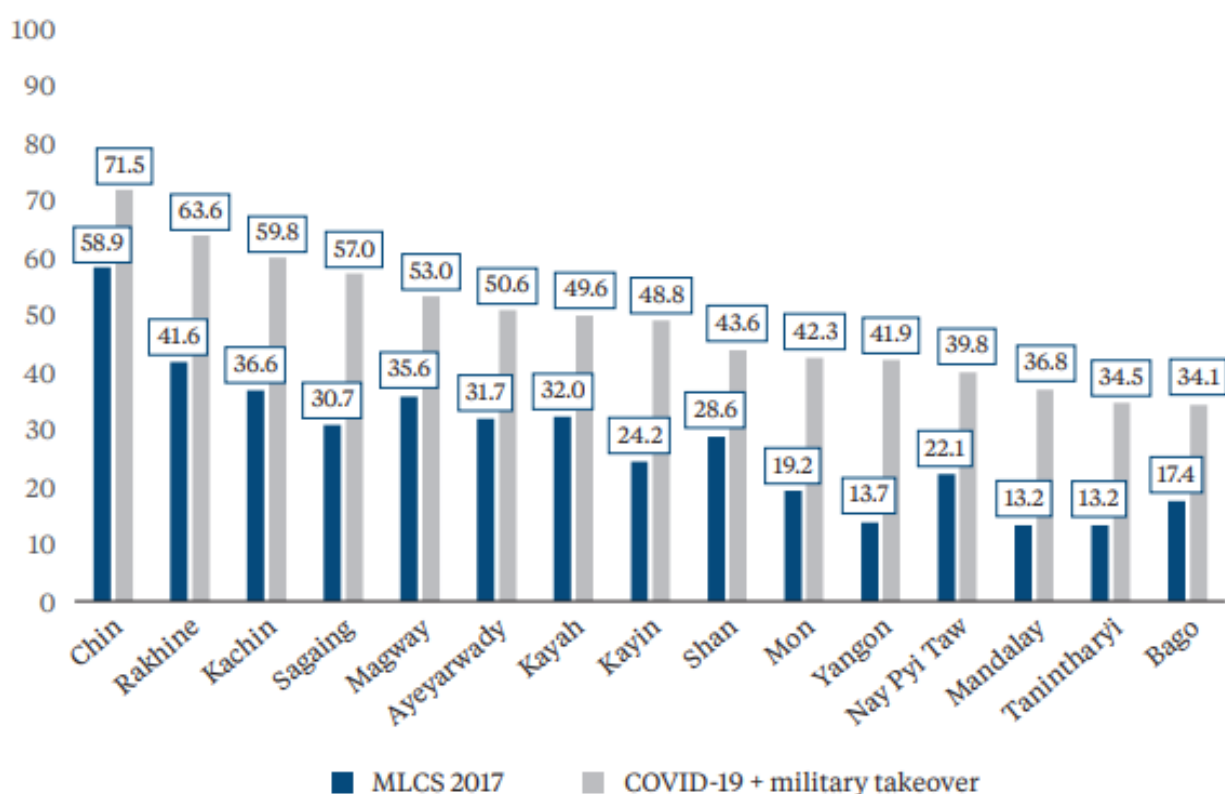
**Gráfico 1** - Número total de pessoas pobres por estado/região devido ao efeito composto (Covid-19 e golpe militar em 2021).



Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2021).

O “gráfico 2”, também presente no artigo do PNUD (2021), expõe a evolução da incidência de pobreza em Myanmar de 2017 para 2021, levando em consideração as consequências da pandemia de Covid-19 e da ocupação militar. Os dados utilizados para a comparação de 2017 foram extraídos do *Myanmar Living Conditions Survey* (MLCS), de 2020, um relatório elaborado em parceria pela *Central Statistical Organization* (CSO), PNUD e Banco Mundial.

**Gráfico 2** - O efeito combinado (Covid-19 e golpe militar em 2021) na incidência da pobreza em Myanmar (porcentagem), por estado/região.



Fonte: PNUD (2021).

Após o quarto golpe de Estado, Steinberg (2021) cita que vale a pena lembrar a perspicaz observação do Coronel Kyi Maung<sup>7</sup> sobre o papel dos militares em Myanmar na década de 1990: "A peça acabou, mas o público é obrigado a permanecer em seus lugares, e os atores se recusam a deixar o palco."

## 6. Considerações Finais

Esse artigo, intitulado "O Papel Político do Budismo em Myanmar", teve pretensão de demonstrar em um estudo de caso a pesquisa sobre a atuação da variável religiosa no campo das Relações Internacionais, a fim de salientar as interações entre atores estatais e não-estatais e como estes se envolvem, o que nestas condições pode apontar consequências negativas para a sociedade, e torna-se relevante para pesquisadores que estejam preocupados em se debruçar no tema com a disposição de localizar soluções e medidas que impactem de forma positiva nas

<sup>7</sup> Kyi Maung foi membro do Conselho Revolucionário em 1958, então chefe do Comando Sul, preso por Ne Win, e porta-voz de Aung San Suu Kyi até sua queda.

ameaças percebidas à essa sociedade e os mais afetados que foram apontados ao longo do texto.

O texto inicialmente, buscou evidenciar a originação e itinerário da religião budista fundamentado por meio de materiais históricos, deduzindo que essa perspectiva enriqueceu o trabalho. A primeira seção disserta sobre a atuação do país como um dos principais praticantes da vertente Budismo Theravada, que cumpriu um importante papel quanto a propagação do budismo no mundo. Transcorreu-se também pelas pesquisas sobre os primeiros contatos com os ensinamentos budistas, para entender melhor seu surgimento na nação. O debate se deu em torno da divisão dos grupos étnicos no Myanmar, de como o budismo se emaranhou e se desenvolveu tendo papel fundamental na política doméstica do Estado. E em última análise, como o vicioso nacionalismo budista tornou-se um grande problema social em Myanmar, ameaçando a coexistência pacífica desse país multirreligioso e multiétnico. Desempenhando compreensão e abordagem como essas dinâmicas fomentaram o medo, a retórica nacionalista e a radicalização nas diversas comunidades tornou-se mais urgente.

Em seguida, a pesquisa se orientou a observar de maneira ampla o processo histórico complexo do país para demonstrar a conjuntura política ao longo do recorte temporal dessa subdivisão, apontando o resultado de uma complexa combinação de fatores sociais, políticos e econômicos, os quais foram fundamentais ser investigados para compreender plenamente o alcance da questão. O capítulo em formato de revisão histórica serviu como ponto de partida para desencadear a atuação do fenômeno religioso e um crescimento dos impactos sociais encorajados pelo grupo religioso no campo nacional. Além disso, é apontado ao longo do texto que os grupos budistas em certo ponto também foram afetados pelas ações estatais, e houve uma represália. No entanto, a partir do momento que o Estado e a doutrina religiosa assimilam os objetivos em comum, ambos se permitem ser utilizados pelo outro. Para exemplificar essa presunção, argumenta-se que no que lhe diz respeito a Escola Theravada, com receio da globalização e de que outras etnias estejam corrompendo os ensinamentos e práticas conservadoras de sua vertente exerce sua influência sob o povo birmanês, se valendo do nacionalismo - que por sua vez está vinculado aos símbolos e emblemas religiosos -, para influenciar a sociedade à favor de seus princípios e objetivos "sagrados", e por dispor desse propósito, permite que a figura do governo birmanês por sua vez legitime suas ações em nome da fé.

Perante esse contexto, surgiu a necessidade de explorar o nacionalismo e a religião, para gerar conscientização mais profunda aludida por definições teóricas sobre os conceitos no campo internacional, conhecendo algumas das principais características associadas à identidade nacional estatal e elaborando pesquisa de como elas permitem o uso da identidade nacional para aprimorar a manifestação dessa crença. Para mais, foi feita uma breve análise da situação sociopolítica e econômica do país, levando em consideração o golpe militar de 2021 e a pandemia, que compreendemos visceralmente, e os impactos e complicações nocivos que essas crises gêmeas produziram diretamente no âmbito doméstico birmanês.

Por último, apresentou-se nesta seção as considerações finais da estrutura e argumentos utilizados, em conclusão as considerações feitas ao longo dos capítulos, exploram o tema e demonstram que o debate tanto em seu âmbito mais abrangente “Religião e Relações Internacionais” quanto no caso particular do budismo em Myanmar continua em aberto para que sejam feitas discussões em torno das temáticas, bem como usufruir deste trabalho para refletir acontecimentos em outros ambientes e conjunturas internacionais e nacionais.

## REFERÊNCIAS

- ARAI, Tatsushi. Toward a Buddhist Theory of Structural Peace: Lessons from Myanmar in Transition. **Peace and Conflict Studies**, v. 22, n. 1, p. 32-59, 2015. Disponível em: <<https://nsuworks.nova.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1272&context=pcs>>.
- AUNG-THWIN, Michael Arthur. **Myanmar**. Encyclopaedia Britannica [Online], 2014. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/400119/Myanmar>>.
- BARANY, Zoltan. Myanmar's Rocky Road to Democracy. **Istituto Affari Internazionali**, Roma, v. 17, n. 27, 2017. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/pdf/resrep09789.pdf?refreqid=excelsior%3A7b270234ecf15972fff13706d91a7f67&ab\\_segments=&origin=&acceptTC=1](https://www.jstor.org/stable/pdf/resrep09789.pdf?refreqid=excelsior%3A7b270234ecf15972fff13706d91a7f67&ab_segments=&origin=&acceptTC=1)>.
- BECKERT, Tiago Wolff. Para Buda pensar em Relações Internacionais. **Meridiano 47**, Brasília, v. 9, n. 92, p. 31-33, 2008. Disponível em: <<https://www.proquest.com/openview/504e16728487b09340c0be0e9028031c/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1606381>>.
- BISCHOFF, Roger. **Buddhism in Myanmar: A Short History**. The Wheel Publication, n. 399/401, 1995.
- BIVER, Emilie. **Religious nationalism: Myanmar and the role of Buddhism in anti-Muslim narratives**. Dissertação (Mestrado em Estudos Globais)- Departamento de Ciência Política, Lund University, 2014.
- BOOKBINDER, Alex. **969: The Strange Numerological Basis for Burma's Religious Violence**. The Atlantic [Online], 2013. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/international/archive/2013/04/969-the-strangenumerological-basis-for-burmas-religious-violence/274816/>>.
- BOOTH, Jenny. **Military Junta Threatens Monks in Burma**. Times [Online], 2007.
- BROHM, John Frank. **Burmese Religion and the Burmese Buddhist Revival**. Tese de Doutorado, Cornell University, 1957.
- CLAPP, Priscilla. Burma's long road to democracy. **United States Institute of Peace**, Special Report 193, 2007. Disponível em: <<http://dcac.du.ac.in/documents/E-Resource/2020/Metrial/415AwadheshKumarSah2.pdf>>.
- CLARKE, Sarah L.; MYINT, Seng Aung Sein; SIWA, Zabra Yu. **Re-Examining Ethnic Identity in Myanmar**. Siem Reap: Centre for Peace and Conflict Studies, 2019.

CLINE, E. L. Insurgency in Amber: Ethnic Opposition Groups in Myanmar. **Small Wars & Insurgencies**, v. 20, n. 3-4, p. 574-591, 2009.

CURTIS, John. One year on from Myanmar's military coup. **House of Commons Library**, nº 9445, 2022.

FARIAS, Nivaldo Inojosa de. "**Refugiados da Birmânia na Tailândia**": Da Solidariedade na Acolhida à Criação de Políticas Públicas. João Pessoa, 2018.

FERREIRA, Marcos Alan S. V. O Fenômeno Religioso e as Relações Internacionais: Perspectivas Analíticas e as Novas Agendas de Pesquisa no Brasil. In: CHAVES, Daniel; WINAND, Erica; PINHEIRO, Lucas (org.). **Perspectivas e Debates em Segurança, Defesa e Relações Internacionais**. Macapá | Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2015.

FOXEUUS, Niklas. Esoteric Theravāda Buddhism in Burma/Myanmar. **Scripta Instituti Donneriani Aboensis**, vol. 25, n. 5, p. 55-79, 2013. Disponível em: <<https://journal.fi/scripta/article/view/67433> >.

FRIEDLAND, Roger. Religious Nationalism and the Problem of Collective Representation. **Annual Review of Sociology**, v. 27, p. 125-152, 2001.

GRAVERS, Mikael. Anti-Muslim Buddhist Nationalism in Burma and Sri Lanka: Religious Violence and Globalized Imaginaries of Endangered Identities. **Contemporary Buddhism**, v. 16, n. 1, p. 1-27, 2015.

GUILLOUX, Alain. Myanmar: Analyzing Problems of Transition and Intervention. **Contemporary Politics**, v. 16, n. 4, p. 383-401, 2010.

HARVEY, Godfrey Eric. **History of Burma**. Gyan Publishing House, 1928.

HOLLIDAY, Ian. Ethnicity and Democratization in Myanmar. **Asian Journal of Political Science**, v. 18, n. 2, p. 111-128, 2010. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02185377.2010.492975>>.

HUMAN RIGHTS WATCH. **All You Can Do Is Pray**: Crimes Against Humanity and Ethnic Cleansing of Rohingya Muslims in Burma's Arakan State. USA: Human Rights Watch, 2013.

INTERNATIONAL CRISIS GROUP (ICG). **Buddhism and State Power in Myanmar**: Asia Report nº 290. 2017. Disponível em: <<https://d2071andvip0wj.cloudfront.net/290-buddhism-and-state-power-in-myanmar.pdf>>.

KEYES, Charles F.; KENDALL, Laurel; HARDACRE, Helen. **Visions of Authority**: Religion and the Modern States of East and Southeast Asia. Honolulu: University of Hawaii Press, 1994.

KINNVALL, Catarina. Nationalism, Religion and the Search for Chosen Traumas: Comparing Sikh and Hindu Identity Constructions. **Ethnicities**, v. 2, n. 1, p. 79-106, 2002.



KINNVALL, Catarina. Globalization and Religious Nationalism: Self, Identity and the Search for Ontological Security. **Political Psychology**, v. 25, n. 5, p. 741-767, 2004.

LONG, Mary Kate. Dynamics of State, Sangha and Society in Myanmar: A Closer Look at the Rohingya Issue. **Asian Journal of Public Affairs**, v. 6, n. 1, p. 79-94, 2013.

MACDONALD, Adam P. From Military Rule to Elective Authoritarianism: the Reconfiguration of Power in Myanmar and its Future. **Asian Affairs: An American Review**, v. 40, n. 1, 2013.

MARSHALL, Andrew R. C. **Myanmar gives official blessing to anti-Muslim monks**. Reuters Special Report [Online], 2013. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-myanmar-969-specialreport-idUSBRE95Q04720130627>>.

MENTZEL, Peter. **Religion and Nationalism? Or Nationalism and Religion? Some Reflections on the Relationship between Religion and Nationalism**. In: MENTZEL, Peter (ed.). *For God and Country: Essays on Nationalism and Religion*. USA: MDPI, 2021.

PEDERSEN, Morten B. How to Promote Human Rights in the World's Most Repressive States: Lessons from Myanmar. **Australian Journal of International Affairs**, v. 67, n. 2, p. 190-202, 2013.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Impact Of The Twin Crises On Human Welfare In Myanmar**. 2021. Disponível em: <<https://www.undp.org/publications/impact-twin-crises-human-welfare-myanmar>>.

SCHISLER, Matt; WALTON, Matthew; THI, Phyu Phyu. Reconciling Contradictions: Buddhist-Muslim Violence, Narrative Making, and Memory in Myanmar. **Journal of Contemporary Asia**, v. 47, n. 3, p. 376-395, 2017.

SMITH, Donald Eugene. **Religion and Politics in Burma**. Princeton: Princeton University Press, 1965.

SOARES, Pedro Gustavo Cavalcanti. O Secular, o Secularismo e a Secularização: Conceitos Análogos e Concepções Divergentes. IN: CARLETTI, Ana; NOBRE, Fabio R. F.; FERREIRA, Marcos Alan S. V. (org). **Relações internacionais e religião: reflexões rumo a um contexto pós-laicista**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

STEINBERG, David I. **The Military in Burma/Myanmar: On the longevity of Tatmadaw rule and influence**. 6 ed. Singapura: ISEAS - Yusof Ishak Institute, 2021.

TAYLOR, Charles. **A secular age**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

THOMPSON, Nathan. **The 969 Movement and Burmese Anti-Muslim Nationalism in Context**. Buddhist Peace Fellowship [Online], 2013. Disponível em:

<<https://buddhistpeacefellowship.org/the-969-movement-and-burmese-anti-muslim-nationalism-in-context/>>.

]TURNER, Alicia. **Saving Buddhism**: The Impermanence of Religion in Colonial Burma. Honolulu: University of Hawaii Press, 2014.

WADE, Francis. **Myanmar Enemy Within**: Buddhist Violence and the Making of a Muslim 'Other'. Londres: Zed Books, 2017.

WALTON, Matthew J. **Are Extremist Buddhists in Burma attacking Helpless Muslims?** Arakan Rohingya National Organisation [Online], 2013. Disponível em: <<https://www.juancole.com/2013/07/extremist-buddhists-attacking.html>>.

WEBER, Max. **The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism**. New York: Charles Scribner's Sons. 1958.

WEBER, Max. **Economy and Society**: An Outline of Interpretive Sociology. Berkeley: University of California Press, 1978.

YI, Khin. **The Dobama Movement in Burma (1930-38)**. Ithaca: Cornell University Press, 1988.